

Teatro Alberto Maranhão: um palco de histórias¹

Laís Batista Pinto Fernandes PEDROSA²
Bruna Larissa Bezerra MACHADO³
Karen Catarina de Brito OLIVEIRA⁴
Nara Daíze Rodrigues PEIXOTO⁵
Manoel Pereira da ROCHA NETO⁶
Mari SUGAI⁷

Universidade Potiguar, Natal, RN

RESUMO

O presente projeto experimental é um vídeodocumentário que aborda a trajetória do Teatro Alberto Maranhão (1904-1957). Para a elaboração do audiovisual, realizamos pesquisas no Instituto Histórico e Geográfico, acervo do Teatro, entrevista com historiadores, pesquisadores e antigos funcionários do TAM. O trabalho se configura como material importante para futuras pesquisas e torna-se uma fonte de relevo, pois registra parte da história dessa importante casa de espetáculos, contribuindo para a biografia da cultura norte-rio-grandense. O Teatro Alberto Maranhão é um monumento histórico cultural que deve ser preservado ao longo dos séculos por sua representação no estado e para que futuras gerações possam vivenciar e conhecer a historiografia de um dos mais belos teatros do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Vídeodocumentário; Teatro; História; Cultura.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho conta a trajetória histórico-cultural do Teatro Alberto Maranhão a partir do ano de 1904, época da sua inauguração, até o ano de 1957, período da transição do nome Carlos Gomes para Alberto Maranhão.

¹ Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria, jornalismo, modalidade Produção Laboratorial em videojornalismo e telejornalismo (avulso/conjunto ou série).

² Aluna líder do grupo e estudante do 8º semestre do Curso de Comunicação Social/Jornalismo, email: laf.jpc@gmail.com.

³ Estudante do 8º semestre do Curso de Comunicação Social/Jornalismo, email: bruna_larissamachado@hotmail.com.

⁴ Estudante do 8º semestre do Curso de Comunicação Social/Jornalismo, email: karencatarina@gmail.com.

⁵ Estudante do 8º semestre do Curso de Comunicação Social/Jornalismo, email: nara.jornalismo@hotmail.com.

⁶ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, email: manupereira@unp.br.

⁷ Co-orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social/Jornalismo, email: marisugai.contato@gmail.com.

O Teatro foi construído tipo chalé, no estilo neoclássico, medindo 18m30cm de largura e 78m60cm de extensão. A fachada foi obra do escultor francês Mathurin Moreau, assim como os três portões da entrada que foram exportados da França. Na parte interna do prédio o piso é de origem belga e o lustre foi exportado do Paraguai. A casa tem capacidade para 700 pessoas.

O ano de 1904 foi marcante para a sociedade natalense. O Teatro Carlos Gomes exibia espetáculos constantemente e o público era presente. Quando não havia companhias na cidade, “a Orquestra criada pela sensibilidade de Alberto Maranhão, mantinha um trabalho diário de apuro e seleção de peças clássicas para apresentação em público”. (PIRES, 1980, p.22).

O Teatro Alberto Maranhão foi palco de muitos acontecimentos e atravessou períodos difíceis. Traz em sua história, uma significativa relevância, porém, durante a busca por materiais bibliográficos para a construção do objeto de estudo, foi detectada a ausência de registros que contivessem, pelo menos, a história do Teatro Alberto Maranhão, na íntegra - fossem eles nos seus mais variados formatos (impresso, digital, áudio e/ou audiovisual).

E foi diante de tal cenário, que surgiu o fator decisivo para a escolha do Teatro como objeto de estudo para o vídeodocumentário. O intuito era fazer com que esse produto audiovisual pudesse preencher a lacuna existente no que estava relacionado ao reconhecimento do TAM, enquanto Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Norte e, conseqüentemente, servisse como fontes de pesquisas e de consultas para futuros estudiosos, para a população norte-rio-grandense e a sociedade no geral.

Enfim, acreditamos que a dissolução das formas teatrais e dos gêneros dramáticos, atribui-se à uma igual diversidade de condições materiais, sociais e estéticas da arte teatral. Hoje o teatro se diversifica à essas inúmeras funções. “Seu desenvolvimento está intimamente ligado ao da consciência social e tecnológica: não se prevê periodicamente seu iminente desaparecimento diante da expansão dos meios de comunicação e das artes de massa”. (PAVIS, 1999, p. 25).

2 OBJETIVO

Dentre os nossos objetivos, destacamos a realização do registro histórico sobre a trajetória do Teatro, como também recuperar parte do passado, mostrando todo processo da

construção e das reformas, além de registrar a importância desse espaço cultural para a sociedade norte-rio-grandense. Fato que nos permite recordar e refletir sobre a importância desse tipo de espaço cultural em outra época e lugar.

O teatro é uma obra de arte social e comunal; nunca isso foi mais verdadeiro do que na Grécia antiga. Em nenhum outro lugar, portanto, pôde alcançar tanta importância como na Grécia, a multidão reunida no *theatron* não era meramente espectadora, mas participante, no sentido mais literal. O público participava ativamente no ritual teatral, religioso, inseria-se na esfera dos deuses e compartilhava o conhecimento das grandes conexões mitológicas. (BERTHOLD, 2010, p. 103-104).

Já no Brasil, o teatro e suas manifestações deram-se no século XVI (quase meio século depois da descoberta do Brasil) através da chegada dos jesuítas portugueses de Coimbra, enviados como missionários às novas terras. O primeiro grupo de jesuítas desembarcou na Bahia de Todos os Santos, no ano de 1549, no cortejo de Tomé de Sousa, enviado pelo rei João III. Essa comitiva era composta por quatro sacerdotes, entre eles o padre Manuel da Nóbrega e quatro jovens confrades. Em 1551, quatro jesuítas chegaram com a frota comandada por Simão da Gama d'Andrade.

Os jesuítas tinham o intuito e a missão de catequizar os índios, porém, não só apresentaram a nova religião católica, como também inseriram itens da cultura portuguesa na cultura indígena, fazendo surgir um novo gênero cultural, a qual se incutia o teatro e a literatura. As manifestações teatrais estavam aliadas aos rituais festivos e danças indígenas, sendo que a primeira manifestação teatral vista pelos brasileiros, foi com raízes de Portugal, que com caráter pedagógico, baseava-se na Bíblia. O maior responsável por tais ensinamentos teatrais e pela autoria das peças foi o padre José de Anchieta.

Histórias e caminhos diferentes, mas apenas um objetivo: inserir conhecimento, história e cultura na comunidade. Portanto, foi pensando na participação da qual o público, a comunidade, a cidade de Natal pode ter com relação a cultura nos espaços teatrais, que, na prática, optamos por elaborar um vídeodocumentário, intitulado “Teatro Alberto Maranhão: um palco de histórias”.

E que esse, apresentasse, em seu conteúdo, informações relacionadas a fundação, a estrutura física até a atuação desse espaço no âmbito cultural do Estado, bem como os personagens que fizeram e que ainda fazem parte do Teatro, além de imagens e documentos que pudessem complementar, comprovando o essencial do real, ao que foi dito pelos

entrevistados e, conseqüentemente, aguçar no telespectador, a vontade de compartilhar cultura e conhecimento por meio do teatro.

3 JUSTIFICATIVA

Observando a carência de informações nas fontes pesquisadas e reconhecendo a relevância histórica e os fatos importantes que incidiram no decorrer da construção, das reformas e da finalização do Teatro Alberto Maranhão, decidimos realizar um produto que resgatasse, explorasse, em detalhes, elementos e fatos importantes desses períodos.

O Teatro Alberto Maranhão constitui em uma parte importante para a formação histórica e cultural da cidade do Natal, e a população, como um todo, necessita da existência e da disponibilidade de um produto audiovisual acessível que contenha o registro das principais fases do Teatro e apresente, em seu conteúdo, histórias e informações que possam contribuir para a historiografia do Estado do Rio Grande do Norte.

O propósito da realização do material é explorar, através da reconstituição histórica, a possibilidade da fixação de seu conteúdo na sociedade, servindo, também, para ampliar e contribuir com o acervo cultural, e como fonte de pesquisa.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O vídeodocumentário ‘Teatro Alberto Maranhão: um palco de histórias’ é um projeto experimental em vídeo que busca retratar a história do teatro, então Teatro Carlos Gomes, desde a sua construção até 1957, ano que passou a ser chamado Alberto Maranhão. A casa começou a ser construída na Campina da Ribeira⁸, em 1898.

A fim de dotar a capital do Estado de uma casa de espetáculos à altura das aspirações da elite potiguar, o desembargador Joaquim Ferreira Chaves, no seu primeiro governo (de 25/03/1896 a 25/03/1900) resolveu construir um teatro. (SOUZA, 2008, p.251).

O tema foi escolhido em 2011, durante uma das orientações com o professor Manoel P. da Rocha Neto (orientador acadêmico). As pesquisas documentais sobre o tema,

⁸ A Campina da Ribeira era localizada onde hoje está situada a Praça Augusto Severo, localizada no bairro da Ribeira, em Natal (RN).

iniciadas no final de 2011, intensificaram-se e o envolvimento profissional e emocional do grupo com o local, foi surgindo.

Na busca de autores que retratassem a história dos teatros mundiais, nacionais e do próprio Alberto Maranhão, identificamos a primeira dificuldade e percebemos a relevância das nossas observações sobre o assunto.

No primeiro semestre de 2012, com os objetivos já definidos, buscamos personagens que respondessem aos nossos questionamentos sobre a historiografia do Teatro e que explanassem com propriedade acontecimentos e/ou detalhes do local. Definimos sete entrevistados, iniciamos o contato e apresentamos o projeto do grupo ao orientador acadêmico.

Durante o primeiro e o início do segundo semestre de 2012, desenvolvemos a parte teórica do projeto, tendo como base, bibliografias, documentos, jornais, entre outros. No decorrer das pesquisas e reuniões do grupo, encontramos versos de Ferreira Itajubá⁹, um texto expressivo e significativo diante do tema estudado.

No dia 26 de outubro (sexta-feira), iniciamos as gravações do vídeo com a ilustradora Laila Lorena Pinto Alves, tracejando a fachada do teatro. A imagem foi utilizada no início do documentário, através do efeito *time lapse*. A gravação foi realizada no Estúdio e laboratório de TV e cinema da UnP, pois o tempo, a iluminação e os equipamentos necessários eram característicos do ambiente.

As demais gravações foram realizadas nas estruturas do TAM, exceto a sonora do artista plástico Dorian Gray que por motivos de saúde solicitou que a entrevista fosse executada em sua residência.

No dia 27 de outubro (sábado), às 09h30, iniciamos as gravações com a interpretação dos versos de Ferreira Itajubá descritos no livro de Meira Pires, ‘História do Teatro Alberto Maranhão’, pela atriz Potyra Pinheiro. As cenas foram realizadas no *hall* de entrada e na entrada dos camarotes.

Em seguida, no café do teatro, entrevistamos o historiador, Claudio Galvão (autor do livro ‘100 anos de Arte e Cultura’ – referente aos 100 anos da construção do teatro). No referido dia, foram utilizados os seguintes equipamentos: uma câmera *Panasonic*, tripé *Mattedi* – os mesmos equipamentos foram usados em todas as gravações do vídeodocumentário - microfone lapela e *boom*, iluminação artificial e rebatedor.

⁹ Poeta norte-rio-grandense, nascido Manuel Virgílio Ferreira, incorporou o Itajubá em seus primeiros versos e depois definitivamente à sua vida.

Após a entrevista do historiador, retomariamos as gravações com a atriz Potyra Pinheiro, porém, um fator externo fez com que interrompêssemos as gravações. O TAM ficou sem fornecimento de energia elétrica. Diante do ocorrido, o grupo enfrentou outro problema, conciliar os horários disponíveis do TAM, do laboratório de TV da Universidade Potiguar e dos entrevistados, por esse motivo, só foi possível retomar as gravações da cena dez dias depois.

No dia 29 de outubro (segunda-feira), às 14h, foram realizadas as entrevistas com: a cantora, Khrystal; o jornalista, Vicente Serejo; o mordomo do teatro, Pedro Salustino e o artista plástico e ex-diretor do TAM, Dorian Gray. Para esses momentos, foram utilizadas a iluminação do Laboratório de TV e do próprio palco do teatro, microfone lapela e *boom*, câmera e tripé.

O dia 30 de outubro (terça-feira) marcou o início da gravação da dramatização, recurso utilizado para retratar os encontros realizados no Salão Nobre do Teatro. Foram produzidas imagens da fachada do teatro com o uso de uma *dolly*, grua *Mattedi* de 4 metros e iluminação natural. Logo depois, iniciamos no Salão Nobre do TAM, a entrevista com o historiador Luiz Eduardo Brandão Suassuna, mais conhecido como Kokinho. Na qual utilizamos câmera, tripé e microfone lapela. Um dos movimentos diferenciados nessa entrevista foi o “chicote” para, junto com a edição, dar o efeito entre a sonora e a dramatização (usada como imagem de apoio).

Durante os dias seguintes, entramos em contato com dez arquitetos da cidade, especialistas na área de restauração que pudessem falar com propriedade sobre as reformas e a descaracterização do TAM, mas somente no último dia de gravação disponibilizado, 07 de novembro, conseguimos um arquiteto para entrevistar.

As gravações começaram às 14h com a interpretação da atriz Potyra Pinheiro, na plateia e no palco. Em seguida, entrevistamos o arquiteto, Francisco Canindé Alves. O entrevistado estava sentado, no largo do teatro, em uma poltrona antiga pertencente ao TAM. A imagem teve início com o arquiteto em primeiro plano e no segundo plano, uma parte do teatro. Ao longo da resposta, a imagem foi abrindo no movimento do *travelling* dando ideia da imensidão do TAM.

Notando a relevante presença da música e da dança no documentário, identificamos a oportunidade de incluir artistas locais. Gravamos, no *hall* de entrada do TAM, com os alunos da escola de música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) que estavam participando das oficinas do projeto ‘Novembro da Música’, realizado no Salão

Nobre do Teatro. Para acompanhar o momento, convidamos dois alunos da Cia de Dança do Teatro Alberto Maranhão (CDTAM).

Por volta das 19h, conseguimos gravar a dramatização utilizada como imagem de apoio em uma das sonoradas de Cláudio Galvão e Kokinho. As imagens foram realizadas no Salão Nobre do TAM e para tanto, contamos com a colaboração de três figurantes que encenaram uma reunião entre Alberto Maranhão e dois convidados. A cena foi gravada com câmera solta e iluminação artificial, do próprio Salão e da produtora.

Após todas as gravações, iniciamos no dia 10 de novembro, a edição do documentário “Teatro Alberto Maranhão: um palco de histórias”. Foram disponibilizados quatro dias (10, 12, 13 e 14 de novembro) na ilha de edição para finalizar o produto.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O vídeodocumentário, ‘Teatro Alberto Maranhão: um palco de histórias’, consiste em um vídeo de 12 minutos e 49 segundos. Inicia-se com o efeito *time lapse* do desenho do TAM com o *fade out* da fotografia da fachada do local em fusão com uma animação do mapa antigo da Ribeira, no qual está situado o Teatro. Em seguida, uma imagem de 180° para situar o espectador da localização do Teatro no cenário atual.

Nos minutos decorrentes, os sete entrevistados: Kokinho, historiador; Cláudio Galvão, historiador; Vicente Serejo, jornalista; Francisco Canindé Alves, arquiteto; Dorian Gray, artista plástico e ex-diretor do TAM; Pedro Salustino, ex-mordomo do teatro e Khrystal contam detalhes, relembram períodos históricos e experiências vividas no TAM e, a atriz Potyra Pinheiro representa ao longo da narrativa, os versos de Ferreira Itajubá.

As entrevistas e falas dos personagens passam a ser autoexplicativas, absorve-se de cada entrevistado um pouco do mundo deles, o suficiente, o necessário para que se complete e se faça entender o que o documentário quer informar, com isso, isenta-se a narração, a ‘voz do além’. Ou seja, torna-se ausente a *voice over*. “[...] Coutinho radicaliza em *Santo Forte* a apostar de filmar a palavra do outro e concentra-se no encontro, na fala e na transformação de seus personagens diante da câmera [...] Ali, no encontro com outro, é tudo ou nada.” (LINS; MESQUITA, 2008, p.18).

No documentário os personagens nada mais são do que eles mesmos, os entrevistados, onde a produção e a direção funcionam como a agulha e se encarregam de conversar, encaminhar-lhes as perguntas para desenrolar a conversa e buscar em suas

respostas, como o pedaço da linha que, mais adiante juntar-se-á aos outros pedaços, (respostas dos demais entrevistados) para costurar e findar na história.

[...] a presença da entrevista se associa intimamente ao trabalho da memória e ao tempo de narrar de seus personagens [...] Suas performances, mais até do que o conteúdo narrativo das histórias, expressam a imbricação entre memória e esquecimento [...] (LINS; MESQUITA, 2008, p.28).

Entre as cenas com os entrevistados (sonoras) surgem os offs (cobertos com as imagens, fotografias e documentos). As canções escolhidas para ‘costurar’ a narrativa foram: Alvorada e O Guarani, do maestro Carlos Gomes; Rabeca Matutina, do potiguar Caio Padilha; Royal Cinema, composição de Tonheca Dantas, nas versões de Carlos Zens (flauta) e, do trio Eduardo Taufic, Airton Guimarães e Darlan Marley. A canção tocada pelos alunos de música da UFRN e apresentada por bailarinos da Cia de Dança do Teatro Alberto Maranhão, é The Trout, de Franz Schubert.

Já nos créditos, utilizamos uma animação inspirada no filme brasileiro ‘O Palhaço’, no qual as componentes do grupo e os orientadores são representados por desenhos. As demais características dos créditos também são apresentadas de maneira ilustrativa. Ainda nos créditos, incluímos as participações especiais, os figurantes, o orientador acadêmico e de vídeo.

6 CONSIDERAÇÕES

O material apresentado teve como objetivo fazer parte da reconstituição histórica do Teatro Alberto Maranhão (1904 – 1957), na época, Teatro Carlos Gomes.

Diante a importância do legado histórico e cultural dessa casa de espetáculos, poucos registros, que tratem com ênfase, foram encontrados. Por isso, destacamos a importância de buscar, junto a pesquisadores, historiadores, funcionários, críticos, artistas e apreciadores da arte, informações necessárias ao complemento dos registros bibliográficos, a fim de ampliar a historiografia do Teatro.

A junção das informações históricas com a visão contemporânea dos entrevistados ampliam o alcance e a contribuição do vídeodocumentário, já que a proposta foi produzir um material que pudesse colaborar com as futuras pesquisas e trabalhos, bem como apresentar para sociedade, fragmentos relevantes e na maioria das vezes, desconhecidos.

Tornar viva a história desse marco para as artes e para a cultura do Rio Grande do Norte foi uma tarefa árdua e prazerosa, pois o processo de pesquisa e produção do vídeodocumenário consumiu horas e horas de pesquisas, investigação e análise para a elaboração do roteiro e para a produção final do trabalho.

A metodologia usada pelo grupo atendeu as expectativas, no momento que, o vídeodocumentário, depois de concluído, passa a fazer parte da formação histórica e cultural do Rio Grande do Norte. Portanto, entende-se assim, que a pesquisa e o material audiovisual auxiliarão a compreender e amenizar o problema encontrado e apresentado desde o início das pesquisas.

Esperamos que este trabalho possa contribuir para a historiografia do Rio Grande do Norte, em especial, da cidade de Natal, enfatizando e revelando nuances da história desse monumento histórico, valorizando as particularidades e os detalhes dessa trajetória que se encontrava esquecida e silenciada nos acervos e na vida cultural e social do Rio Grande do Norte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTHOLD, Margot. **História Mundial do Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia. **Filmar o real**: sobre o documentário brasileiro contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro. Perspectiva; 1999.

PIRES, Meira. **História do Teatro Alberto Maranhão (1904 a 05.03.1952)**. Natal: Fundação José Augusto, 1980.

SOUZA, Itamar de. **Nova História de Natal**. 2 ed. rev. Atual. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2008.